

Muito Barulho *Direitos Humanos*

Até sexta-feira, a Conferência Internacional da ONU contra o Racismo, em Durban, ainda tem oportunidade de corrigir o rumo, se não quiser admitir, no documento final, que a agenda programática fracassou. A Conferência, de fato, começou com boas intenções, trazendo para o primeiro plano alguns dos problemas que atenuam a consciência humanitária moderna, como o racismo, a pobreza, as injustiças sociais e o sempre atual problema das minorias.

Subitamente os principais temas saíram da berlinda e no lugar deles, por força das pressões de dentro e de fora do plenário (entre as quais as 3,7 mil organizações não-governamentais que organizaram um fórum paralelo) a questão palestina aflorou com força descomunal. Mais uma vez estas ONGs e os países árabes tentam forçar a ONU a considerar Israel país racista – uma forma de protestar sem medir as consequências.

Por força desta circunstância a Conferência ficou congelada em torno de um tema que saiu do *habitat* natural – o Oriente Médio – para produzir em outro lugar os mesmos sintomas paralisantes de seu leito original. A própria alta-comissária para Direitos Humanos da ONU, Mary Robinson, ponderou que o fórum das ONGs ao incluir o texto sobre Israel diminuiu as chances de suas declarações serem adotadas pela Conferência.

A palestinização da Conferência de Durban praticamente comeu o espaço que poderia ser dedicado a questões que são afinal sua razão de ser. As principais e mais representativas ONGs

internacionais – Anistia Internacional, Human Rights Watch e a Federação Internacional das Ligas pró-direitos humanos – se retiraram do recinto onde as 3,7 mil ONGs incluíram os termos fortes contra Israel.

Esta atitude provocou o boicote da conferência por parte dos EUA que, mais uma vez, solidarizaram-se com Israel, decorrendo daí a sempre sentida ausência em Durban do secretário de Estado Colin Powell.

Indo ao que importava – a questão racial propriamente dita, juntamente com a discussão sobre as reparações financeiras – o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, disse que pedir perdão pela discriminação, como fazem alguns políticos, não apaga os erros do passado. E observou que ninguém nasce racista; as crianças aprendem o racismo, enquanto crescem, da sociedade em volta delas.

Durban, na África do Sul, é exemplo vivo das contradições do mundo moderno. Oficialmente já não existe racismo na África do Sul. Mas nas últimas semanas, na expectativa da Conferência, houve na cidade manifestações contra brancos e outras minorias raciais, de origem indiana e chinesa. Isto quer dizer que na prática os grupos continuam separados.

Quanto à Conferência em si, diplomatas de várias procedências tentam salvar o encontro de seus descaminhos, em meio ao barulho provocado pela agitação de 17 mil delegados e as 3,7 mil ONGs do fórum paralelo. Caso contrário, será muito barulho para nada.